

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

Uma abordagem desde a alfabetização a uma proposta de atividade de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II

THE INFLUENCE OF TECHNOLOGY ON YOUTH AND ADULT EDUCATION:

An approach from literacy to a Portuguese Language activity

proposal in Elementary School II

Anaceli Aparecida Fonseca Santos¹

Emerson dos Santos Lima²

Rozevania Valadares de Meneses César³

Resumo: Com o avanço da tecnologia e a grande facilidade ao seu acesso, é imprescindível que a educação esteja inserida nessa modernidade, inclusive a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois aprender, utilizando-se dos recursos tecnológicos que contribuem para esse processo, torna o aprendizado mais coeso e mais relevante para o aluno adulto, uma vez que sai dos limites do antigo “be-a-bá”, ao qual, muitas vezes, ele estava acostumado a ver na escola, quando estavam na idade escolar. Talvez, por isso, tenha desistido dos estudos na época. Este trabalho é o resultado de uma proposta de atividade de língua portuguesa com o uso das tecnologias aplicadas com alunos da EJA, durante um projeto de reforço, realizado em uma Escola do Município de Itapicuru/BA, e tem o objetivo de otimizar o processo de leitura e escrita de alunos da EJA com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação. Para isso, baseia-se no estudo do caso supracitado, valendo-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, e fundamenta-se em Freire (1989), Ferreiro (1983), Belloni (2009) e Trindade e Nunes (2018). Para coleta de dados, foram aplicados questionários aos docentes e entrevista com

¹ Graduação em Letras/Português, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialização em Docência do Ensino Superior (Tecnologia Educacional e EAD) e em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Jardins (FAJAR). Fonsecamrs@hotmail.com. Faculdades Integradas de Sergipe (FISE).

² Graduado em Letras / Português – Espanhol, pela Universidade Tiradentes (UNIT). Especialização em Língua Espanhola, pela Faculdade Pio Décimo, e em Docência e Tutoria na Educação a Distância, pela UNIT. Mestre em Educação, pela UNIT. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Contemporaneidade (GPETEC). Emerson.lima.professor@hotmail.com. Universidade Tiradentes.

³ Graduação em Pedagogia, pela Faculdade Pio Décimo, e em História, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialização em Educação, Diversidade e Inclusão Social, pela Faculdade Dom Bosco (UCDB), em Didática do Ensino Superior, pela Faculdade Pio Décimo, em Direitos Infância-Juvenil no Ambiente Escolar (A Escola que protege), pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), em História e Cultura Afro Brasileira, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), e em Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Mestra em Educação, pela Universidade Tiradentes (UNIT). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos em Educação Superior (GEES). Rozevaniavcesar@hotmail.com. Universidade Tiradentes.

grupo focal aos alunos, além da observação. Foi possível concluir que os recursos utilizados como *software* educativo, *emoticons*, *slides* e áudio, foram importantes instrumentos de mediação no processo de aprendizagem dos alunos, visto que houve um avanço nos níveis de escrita desses discentes, além disso, também se percebeu que os alunos partícipes do projeto não se evadiram, o que leva a crer que o uso dessa ferramenta também contribui para a permanência do estudante na escola.

Palavras-chave: Atividade; Educação de Jovens e Adultos; Língua Portuguesa; Tecnologias.

Resumen: *Con el avance de la tecnología y la gran facilidad a su acceso, es imprescindible que la educación esté inserida en esa modernidad, incluso la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), pues aprender, utilizándose de los recursos tecnológicos que contribuyen para ese proceso, torna e aprendizaje más coeso y más relevante para el alumno adulto, una vez que sale de los límites del antiguo “be-a-bá”, a lo cual, muchas veces, él estaba acostumbrado a ver en la escuela, cuando estaban en la edad escolar. Tal vez, por eso, tenga desistido de los estudios en la época. Este trabajo resulta de una propuesta de actividad de lengua portuguesa con el uso de tecnologías aplicadas con alumnos de la EJA, durante un proyecto de refuerzo escolar, realizado en una Escuela del Municipio de Itapicuru/BA, y tiene el objetivo de optimizar el proceso de lectura y escritura de alumnos de la EJA con el auxilio de las tecnologías de la información y comunicación. Para ello, este estudio está basado en el estudio del caso supracitado, valiéndose de una búsqueda cualitativa de cunho bibliográfico, y se fundamenta en Freire (1989), Ferreiro (1983), Belloni (2009) y Trindade y Nunes (2018). Para la recolección de los datos, fueron aplicados cuestionarios a los docentes y entrevista con grupo focal a los alumnos, además de la observación. Se concluye que los recursos utilizados como software educativo, emoticons, slides y audio, fueron importantes instrumentos de mediación en el proceso de aprendizaje de los alumnos, visto que hubo un avance en los niveles de escritura de esos estudiantes, además, también se percibió que los alumnos participantes del proyecto no disitieron de los estudios, lo que lleva a creer que el uso de esa herramienta también contribuye para la permanencia del estudiante en la escuela.*

Palabras clave: Actividad; Educación de Jóvenes y Adultos; Lengua Portuguesa; Tecnologías.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge no Brasil Colonial, época na qual a instrução era responsabilidade dos jesuítas. Visava, principalmente, à aquisição de conhecimentos básicos para a realização de trabalhos manuais e à catequização, por isso os cursos ocorriam à noite, visto que, durante o dia, os índios trabalhavam. De lá para cá, foi uma trajetória marcada por muitas políticas públicas e leis, as quais, infelizmente, não garantiram a erradicação do analfabetismo, sendo caracterizada por momentos de descontinuidade (MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016).

É importante destacar que muitos adultos matriculados em turmas de EJA são analfabetos funcionais, ou seja, apenas escrevem palavras, posicionando letra após letras, o que, conseqüentemente, forma a palavra, não sabendo, contudo, decodificar essa palavra. Alguns sabem apenas assinar o próprio nome. Nesse aspecto, mesmo a proposta da atividade estando voltada para a disciplina de Língua Portuguesa, ela perpassa por concepções ligadas à alfabetização, cuja realidade está intrinsecamente congruente à EJA.

A dificuldade para entender o processo de leitura e escrita, inclusive passando pela alfabetização de pessoas adultas, levou muitos estudiosos a se debruçarem sobre o tema, em especial Paulo Freire, Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Mas, sobre esse processo, ainda há muito a pesquisar e contribuir, para que seja alcançado de forma mais rápida e efetiva.

O Plano Nacional de Educação (PNE, 2014/2024) prevê, na meta 9, a erradicação do analfabetismo absoluto – para população com 15 anos ou mais – e a redução em 50% da taxa de analfabetismo funcional. A taxa de analfabetismo das pessoas com essa faixa etária, em 2017, foi de 7%, mantendo-se acima da média intermediária de 6,5% estipulada pelo PNE para 2015, números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2017. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da PNAD (2015) revelam que a média da diminuição do número de jovens e adultos analfabetos é de 0,2% por ano.

Apesar de ter havido várias discussões sobre o assunto, o ensino de leitura e escrita continua a acontecer de forma descontextualizada e contraditória da realidade, isto é, da maneira como os jovens e adultos vivenciam a língua, o que contribui para a evasão escolar. Por isso, é relevante pesquisar novas metodologias voltadas à aprendizagem do estudante, de modo que não seja mais um processo de pura memorização, como contestava Paulo Freire. Afinal, como ele mesmo defendia, a alfabetização é, ao mesmo tempo, um ato de conhecimento e um ato político.

Corroborando com esta concepção do citado autor, acrescenta-se ainda que, ao se tratar do processo de alfabetização ou mesmo de contribuição para melhoria da leitura e escrita de pessoas adultas, esta ação transcende o ato político, chega a ser um ato de amor.

Destarte, este trabalho tem o intuito de otimizar o processo de leitura e escrita de alunos da EJA com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação. Especificamente, pretende-se aplicar metodologias que favoreçam o uso das TIC; registrar os resultados alcançados e contribuir com o processo de aprendizagem e aperfeiçoamento da leitura e da escrita, com o auxílio de recursos tecnológicos, na educação de jovens e adultos.

Assim, para alcançar os objetivos supracitados, adotou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo em vista que a abordagem qualitativa privilegia o processo e a visão dos envolvidos, dando a devida importância ao contexto em que os sujeitos estão inseridos, uma vez que não se pode compreendê-los, senão, dentro do seu ambiente natural (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Quanto ao procedimento de coleta de dados, valeu-se de um estudo de caso, que corresponde ao processo de leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos, em uma Escola de Ensino Fundamental do Município de Itapicuru/BA, a qual também desenvolve projetos de alfabetização e de contribuição, facilitação e aprimoramento da aquisição da leitura e da escrita de alunos dessa modalidade de ensino.

Como os docentes não fazem uso das tecnologias durante as aulas do projeto, sugeriu-se uma proposta metodológica com o uso desses recursos. Portanto, este artigo mostra o resultado da proposta desenvolvida dentro do projeto da escola, e foi aplicada pelos pesquisadores, autores deste artigo, com ajuda dos docentes da escola supramencionada.

Para levantamento de dados, aplicou-se um questionário com questões abertas aos dois Professores de Português que fazem parte do projeto e uma entrevista estruturada com grupo focal aos alunos, além da observação *in loco* a fim de colher dados que mostrassem como as tecnologias poderiam ser usadas na proposta metodológica. Na discussão dos resultados, adotaram-se nomes fictícios para os docentes e alunos participantes da pesquisa.

O estudo seguiu os seguintes passos: observação de algumas aulas durante o projeto desenvolvido com os alunos da EJA da instituição/campo de pesquisa; anotações e coleta de dados com os questionários e a entrevista; preparo das metodologias digitais; aplicação da proposta de contribuição com o processo de leitura e escrita com o uso das tecnologias. Os resultados foram registrados e analisados, dando subsídios para responder ao questionamento da pesquisa: como aprimorar a leitura e a escrita na EJA com o uso das tecnologias?

Na tentativa de responder ao questionamento acima, conjectura-se que o uso de *softwares* educativos aperfeiçoa esse processo, bem como dos *emoticons*⁴, com a estratégia de associar a imagem à escrita. Além desses, o uso de *slides* (tendo como suporte o Datashow e o notebook), contendo imagens e sílabas para formação de palavras, também contribui para esse aprimoramento, além do recurso auditivo, por meio do aparelho celular.

Como dito anteriormente, este estudo é de cunho bibliográfico, pois buscou fundamentação em autores como Paulo Freire (1989), que defende a importância do ato de ler; em Ferreira (1983), que aborda as concepções dos adultos não alfabetizados acerca do sistema alfabético, e em autores como Belloni (2009) e Trindade e Nunes (2018), que falam da integração das TIC à educação.

⁴Emoticons são símbolos tipográficos usados para simular emoções em aplicativos e/ou redes sociais, como WhatsApp.

Este artigo apresenta uma **Introdução**, a qual expõe o tema dentro do contexto atual e apresenta os objetivos, bem como o repertório teórico-metodológico deste estudo; a seção 2, intitulada **Alfabetização de jovens e adultos com o uso das tecnologias**, que aborda sobre a importância do uso de recursos tecnológicos no processo de alfabetização na EJA. A seção 3, cujo tema é **Uma proposta de atividade de Língua Portuguesa na EJA com o uso das tecnologias**, mostra os resultados da aplicação das metodologias digitais; e encerra-se com as **Considerações finais** a respeito do tema proposto.

2. Alfabetização de jovens e adultos com o uso das tecnologias

A leitura e a escrita não são hábitos naturais do ser humano, mas são competências apreendidas ao longo do tempo. Os jovens e adultos adquirem essas competências de modo diferente da criança. Os adultos já sabem diferenciar letras e números, desenho e texto, já possuem orientação espacial de leitura, conhecem a função da escrita. Além disso, segundo Ferreira e demais autores (1983), eles consideram a leitura silenciosa como um ato de leitura, enquanto as crianças não o consideram como tal.

Como dito anteriormente, é importante sobrelevar que muitos adultos matriculados em turmas de EJA são analfabetos funcionais, outros, no entanto, são totalmente analfabetos, e que, mesmo a proposta da atividade, a qual serviu de base para a construção deste artigo científico, estando voltada para a disciplina de Língua Portuguesa, ela perpassa por concepções ligadas à alfabetização, cuja realidade está intrinsecamente congruente à EJA. Nesse prisma, justifica-se a importância de abordar acerca do analfabetismo e de apresentar algumas pesquisas e dados que tratam do combate a este problema.

Por esse ângulo, destaca-se uma pesquisa realizada no México, por Ferreira e outros autores (1983), com 58 adultos analfabetos, que revelou que os adultos passam pelos mesmos níveis de escrita que as crianças. No nível 1 – pré-silábico – onde o indivíduo não estabelece vínculo entre a fala e a escrita; demonstra intenção de escrever usando traçado linear; mistura letras e números e tem leitura global e instável do que escreve.

No nível 2 – Silábico (sem valor sonoro) – onde o adulto relaciona a escrita e a fala (escreve uma letra a cada vez que pronuncia uma sílaba, porém essa letra não tem relação com o som). No nível 3 – Silábico (com valor sonoro) - tenta fonetizar a escrita; dessa vez utiliza

uma letra para cada sílaba pronunciada, todavia, há uma relação entre a letra e algum fonema da sílaba.

No nível 4 – Silábico-alfabético – ora escreve silabicamente, ora alfabeticamente. Aqui, o estudante compreende que a escrita tem função social e o modo de construção do código da escrita. No nível 5 – Alfabético – já domina o código escrito; distingue letras, números, sílabas e frases, mas omite letras quando mistura as hipóteses alfabética e silábica; a escrita não é léxica nem ortográfica.

Embora passem pelos mesmos níveis, os adultos demonstram ser mais “avançados” em alguns traços. Por exemplo, as crianças só compreendem que a escrita tem função social no nível 4 (silábico-alfabético), os adultos já possuem esse conhecimento no nível 1 (pré-silábico). Outra característica é que, mesmo no nível pré-silábico, os adultos sabem distinguir letras e números, o que só ocorre no nível silábico com as crianças.

Sobre a aquisição da leitura, é interessante elucidar que não se lê letra por letra, mas procura-se entender o todo significativo, e isso é possível, porque, de acordo com Kleiman (2002), os olhos movimentam-se rapidamente entre os pontos de fixação, o que a autora chamou de movimento sacádico. Portanto, os olhos pulam de palavra em palavra para fazer uma fixação.

Dessa forma, comunga-se com a ideia de que o ato de ler deve ser contextualizado, e não fragmentado, visto que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 09).

Daí a necessidade de incluir o uso das tecnologias na aprendizagem da leitura e da escrita. Se hoje o mundo vive “conectado”, os jovens e adultos devem ser inseridos nessa sociedade, que é, simultaneamente, grafocêntrica, isto é, centrada na escrita, e digital. Deve-se buscar contextualização entre a leitura e a realidade em que o aluno vive.

Alfabetizar com o uso das tecnologias permite, portanto, uma alfabetização inclusiva e, ao mesmo tempo, politizada. Isso porque, com o uso da internet, as informações chegam mais rápido e devem ser processadas criticamente. Paulo Freire já defendia a educação problematizadora e lutava contra a alienação. Desse modo, os alunos precisam aprender a ler e escrever dentro de um contexto que comporte a ampliação de um pensamento crítico do mundo no momento atual.

Utilizar alguns dispositivos tecnológicos, como televisão, celular, notebook, caixa de som, programas, e todos os recursos que os compõem, é uma nova forma de alfabetizar, sobretudo no que se refere à realidade da EJA. Os jovens e adultos precisam de estímulos, aulas motivacionais e conteúdos que façam sentido para eles, caso contrário, aprendem apenas a escrever o nome e saem da escola. Esse pode ser um dos porquês da alta taxa de evasão na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Muitos são pais de família, trabalham durante o dia e estudam à noite. Chegam cansados e, às vezes, até com fome, precisam de algo a mais que os motivem a continuar.

Pesquisas como a de Fernandes e Real (2018) e a de Hendel entre outros (2018), mostram que o uso de recursos tecnológicos (como jogos *online* ou *tablet*) auxiliam no processo de alfabetização das crianças, o que pode ser também aplicado aos adultos. Usar as tecnologias na alfabetização das crianças pode ser um processo mais fácil de ser desenvolvido, já que são mais familiarizadas com o mundo digital, porque, de acordo com Hendel e demais autores (2018), os recursos tecnológicos despertaram a atenção desses nativos digitais, gerando o interesse pelo aprendizado.

Por outro lado, a alfabetização na EJA, principalmente com os adultos, ocorre certo receio em relação a esse novo mundo. Entretanto, à medida que o aluno aprende a ler e a escrever, como também é capaz de utilizar os recursos tecnológicos, sem ajuda do filho, isto é, consegue mandar um e-mail, imprimir um texto etc., ele se sente realizado e autônomo.

O professor pode introduzir esses recursos em atividades, a exemplo do ditado de imagens, usando *slides*; jogos educativos no *tablet* ou em computadores; uso de *softwares* educativos, com atividades de palavras cruzadas e lacunas; recursos do *WhatsApp*, como os *emoticons*, pedindo para escrever o significado das imagens; áudio com algumas palavras, para que possam ouvir no celular e transcrever; usar o programa *Paint*⁵ para escrever e criar; o aluno pode ouvir música acompanhando a letra impressa, que tanto pode ser a própria música ou a leitura gravada do texto; digitar no Word, uma vez que permite que percebam os erros ortográficos.

Essas são algumas sugestões que podem ser trabalhadas em sala de aula na EJA, que, como se pode perceber, fazem uso de recursos tecnológicos, que podem ser utilizados como tecnologias da informação e comunicação. Nesse sentido, Belloni (2009, p.11) afirma que

⁵Programa da Microsoft usado para criar desenhos ou editar imagens. O aluno pode inserir imagens e escrever com os materiais disponíveis (pincéis e lápis).

“[...] a integração das TIC à educação só faz pleno sentido se realizada em sua dupla dimensão: como ferramentas pedagógicas e como objetos de estudo”.

Outra contribuição, no que se refere ao uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, é dada por Lima (2016, p.21). Segundo este autor “Essas tecnologias, que também podem ser chamadas de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), têm dado vultosas contribuições para a educação”. Dessa forma, ensinar a ler e escrever com o auxílio das tecnologias, ou ainda otimizar e aperfeiçoar essa habilidade aos que já a possuem mininamente, permite, ao docente, trabalhar a dupla dimensão citada por Belloni (2009), ou seja, ao passo que as utiliza como “ferramentas” pedagógicas, também instrui como apropriar-se delas.

Essa apropriação é indispensável, pois não saber manusear esses dispositivos é mais uma forma de exclusão social, uma vez que “Isso os manteria à margem do mercado de trabalho e com raríssimas condições de subsistência” (TRINDADE; NUNES, 2018, p. 3).

É perceptível a necessidade de mudanças nas metodologias, visto que a sociedade também muda. Essa educação voltada ao novo homem e à nova mulher exige também inovação. “Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades” (FREIRE, 1989, p. 48). Percebe-se, portanto, a necessidade de uma alfabetização que permita o acesso às tecnologias uma vez que as experiências devem ser reinventadas, ou seja, a intervenção depende do contexto histórico, cultural e político no qual se insere.

Paulo Freire trouxe muitas contribuições na área da alfabetização de adultos, com aspectos inovadores, mas também tradicionais em sua metodologia. Isso corrobora o argumento de que não se trata de deixar de lado a metodologia tradicional, pois é preciso escrever manualmente, usar lápis, caneta e caderno; trata-se, sobretudo, de ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto do qual essas práticas fazem parte.

Até a década de 1980, privilegiava-se o método sintético de alfabetização, o qual enfatizava a relação entre som e grafia. Aprendia-se letra por letra, depois as sílabas, até chegar à palavra. Posteriormente, ganhou espaço o método analítico ou global, o qual era iniciado pela palavra e priorizava as habilidades do aluno de falar, ouvir e escrever.

Todavia, não se trata de eleger essa ou aquela faceta do processo, mas deve-se integrar todas as facetas (SOARES, 2004). Assim, o ideal é alfabetizar letrando, ou seja, não

só ensinar o “código escrito”, mas ensinar onde, como e porque usá-lo, de modo que possa empregar a leitura e a escrita não como um ato mecânico, mas reflexivo.

Alfabetizar letrando exige uma concepção diferente do docente, isto é, aprender a ler e a escrever não se esgota na capacidade de o indivíduo codificar e decodificar, mas compreende o uso crítico da leitura e da escrita de modo a se apropriar delas. Por isso é importante trabalhar com diversos gêneros textuais, como contos, músicas, receitas, poemas, atrelados a momentos de discussões e reflexão, principalmente na EJA, modalidade na qual os alunos querem expor seus pontos de vista e, muitas vezes, não lhes dão a oportunidade.

Algumas pesquisas relatam experiências do uso das TIC na EJA, porém parece que poucas com relação ao uso desses recursos na alfabetização de jovens e adultos. É necessário insistir em pesquisas que possam contribuir nessa área. “Até então, os profissionais que já estão em sala de aula dizem que não foram formados para tal: nem para a EJA, muito menos para a utilização das novas tecnologias na EJA” (TRINDADE; NUNES, 2018, p.10). Assim, parece uma tarefa difícil perfilar o alfabetizador de jovens e adultos.

Sobre o perfil desse alfabetizador, Sena e Souza (2013) ponderam que a EJA foi marcada por muitos movimentos sociais, como o TOPA (Todos pela Alfabetização/Brasil Alfabetizado), o qual – embora exigisse a formação mínima do ensino médio – contava com profissionais que não tinham formação adequada. Aprendia-se a alfabetizar na prática. Isso porque o conceito de alfabetização resumia-se apenas a aprender a ler e escrever, portanto, qualquer pessoa que os soubesse poderia alfabetizar. Essa visão preocupava-se apenas em ensinar o básico, para que esses indivíduos pudessem ocupar seus papéis sociais, denotando uma visão de educação baseada na pedagogia liberal⁶.

Portanto, os educadores precisam refletir sobre seus papéis, porque são formadores de opinião e contribuem diretamente para a formação cidadã desses alunos. Sobre isso, Belloni (2009) traz uma reflexão que ainda é pertinente e atual:

[...] a questão da integração das TIC aos processos educacionais transcende as questões puramente técnicas para se situar no nível da definição das grandes finalidades sociais da educação. Os fins e os modos desta integração dependem das escolhas da sociedade: deve a escola educar também para a cidadania ou só para a produção? (BELLONI, 2009, p.29)

⁶A pedagogia liberal acredita que a função da escola é preparar os indivíduos para exercer papéis sociais, conforme as capacidades de cada um. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/tendencias-pedagogicas/>>. Acesso em 03 nov. 2018

Tal indagação leva este artigo a apresentar a próxima seção, a qual trará os resultados de uma proposta metodológica de aprimoramento à leitura e à escrita de alunos da EJA, na disciplina Língua Portuguesa, com o uso das tecnologias. Espera-se que tais discussões possam ajudar os docentes a reverem suas práticas pedagógicas, bem como otimizar as ações docentes desenvolvidas nas atividades escolares de jovens e adultos com o uso desses recursos.

3. Uma proposta de atividade de língua portuguesa com o uso das tecnologias na EJA

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola de Ensino Fundamental, da cidade de Itapicuru, estado da Bahia, a qual desenvolve um projeto de aperfeiçoamento da leitura e da escrita com alguns alunos do 1º ao 5º ano, de uma turma multisseriada, e com os alunos dos 6º e 7º anos, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que apresentam dificuldades na leitura e na escrita. Participam do projeto 10 alunos, entre 16 e 62 anos, que se encontram em diferentes níveis de escrita.

A escola fez um levantamento, com o auxílio dos professores⁷, e percebeu a necessidade de dar um reforço aos alunos. Na visão da Professora P1, esse reforço se refere à alfabetização, porque alguns alunos eram simplesmente copistas, isto é, apenas transcreviam do quadro para o caderno, mas não entendiam o que escreviam. Ademais, tinham dificuldades em resolver questões propostas e acabavam abandonando a escola, completa P2, a fim de ratificar a fala do professor anterior.

Vale ressaltar que o projeto iniciou em agosto de 2019 e se estendeu até o fim do ano letivo. No questionário aplicado aos docentes, em setembro de 2019, eles afirmaram que, após um mês de reforço, já houve uma melhoria na aprendizagem e até no comportamento dos discentes.

A metodologia utilizada por P1 no projeto, “varia do tradicional ao método ‘renovado’ com os recursos disponíveis do professor e da escola tais como: pesquisas, recortes, colagens, material concreto⁸, textos pequenos, fábulas, trava-língua, adivinhas, músicas etc.” (P1, 2019). O método tradicional, citado pela docente, consiste no ensino das

⁷Professor 1 (mulher) e Professor 2 (homem), doravante P1 e P2, respectivamente.

⁸ Depreende-se da fala da docente que material concreto é o material palpável, como cartolina, tesoura etc.

letras, das sílabas, até formar palavras. Já o método renovado versa um ensino mais dinâmico, começando por unidades maiores, como a palavra ou pequenos textos.

A metodologia de P2 também não é tão diferente, pois trabalha igualmente com pequenos textos, e citou a formação de palavras e de frases, e o uso das famílias silábicas. Dentre os recursos utilizados no projeto por P2, cita-se quadro, giz e material impresso. É importante ressaltar que a professora P1 ensina no projeto de segunda a quinta, e o professor P2 somente às segundas-feiras, pois trabalha com suas turmas de terça a sexta. Como na segunda seria a sua folga, ele se ofereceu para ajudar no projeto juntamente com a professora.

Sobre os professores, P1 está diante da primeira experiência com alfabetização de jovens e adultos, enquanto P2 já teve essa experiência e afirmou: “Foi difícil como em qualquer outra modalidade de ensino”. Ambos consideram a tarefa de alfabetizar difícil, principalmente para jovens e adultos, pois “[...] o raciocínio torna-se mais lento, cansados com preocupações externas e internas interferem o meio educacional. Mas vejo no esforço deles a vontade de aprender para acompanhar a evolução tecnológica e a escrita do nome” (P1, 2018).

Além disso, os citados docentes não são pedagogos, mas Licenciados em Língua Portuguesa, logo, trabalhar com alfabetização não é uma habilidade inerente à sua função. Entretanto, vendo a dificuldade dos alunos, precisou alfabetizar os que necessitavam ser alfabetizados, bem como aprimorar a leitura e a escrita dos outros estudantes participantes do projeto.

É interessante lembrar, como dito na seção anterior, que muitos desses alunos da EJA estão interessados apenas em aprender a escrever o próprio nome. Se eles não têm aulas motivacionais, aprendem a escrevê-lo e saem da escola. Essa é uma das razões que levam à evasão desses alunos. Durante a entrevista, foi-lhes perguntado o motivo de estarem na EJA, e todos disseram que desistiram de estudar e, depois de um tempo, retornaram, adotando assim essa modalidade de ensino. Vale ressaltar que são alunos que se sentem muito desmotivados, pois gostariam de aprender mais, porquanto sentem dificuldade, principalmente na leitura.

Nessa perspectiva, quando indagados como gostariam que fossem as aulas, o assunto que emerge novamente é o da aprendizagem da leitura, pois, segundo os próprios relatos, querem aprender mais, com aulas mais ajustadas à sua leitura. Assim, afirmam que estudar com o auxílio das tecnologias é uma forma melhor de aprender, uma vez que ajuda a desenvolver a mente e realizar outras tarefas, como digitar.

Diante dessa realidade, Lima (2016, p.22) afirma que “[...] a tecnologia também pode propiciar a busca por mais informação, uma vez que ela leva a descobertas insólitas [...]”, logo, também permite que os estudantes aprofundem seus conhecimentos, mesmo quando seu principal objetivo é a leitura, dando-lhes a condição de buscar textos dos mais variados tipos e tamanhos, com conteúdos que melhor lhes agradem.

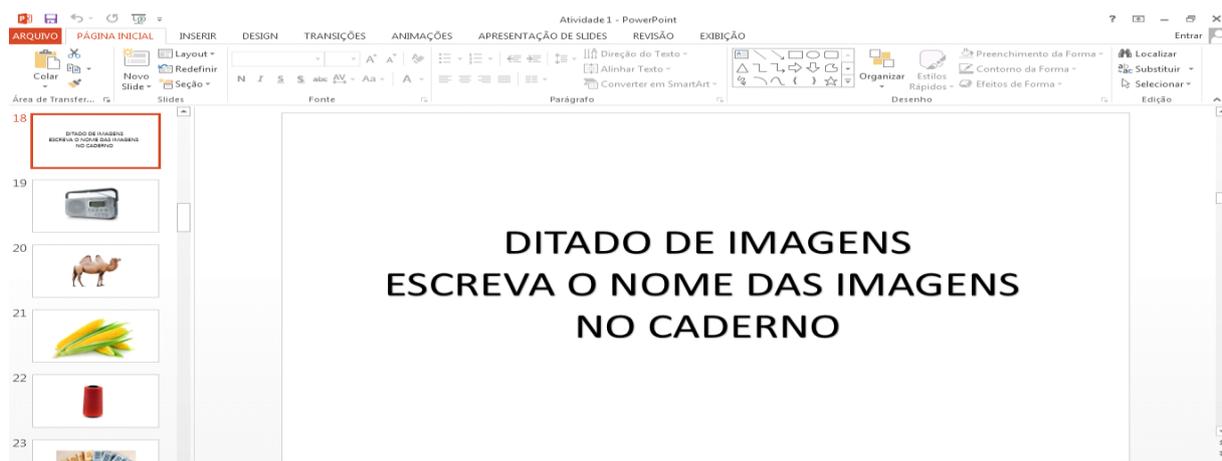
Entretanto, apesar de haver uma sala de vídeo na escola, os educadores não a utilizam no projeto, pois, como dito anteriormente, utilizam apenas de métodos tradicionais. Assim, como não empregavam nenhum recurso tecnológico, sugeriu-se uma proposta metodológica com o uso das tecnologias a fim de otimizar o processo de leitura e escrita de alunos da EJA com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação.

A proposta foi aplicada pelos pesquisadores, autores deste artigo, com a ajuda dos dois docentes partícipes do projeto, e ocorreu no mês de outubro de 2019, às segundas-feiras, das 19h às 22h. A escola não dispunha muitos recursos, só a sala de vídeo e o Datashow. Como esta pesquisa teve três objetivos específicos, citados na introdução, a proposta, portanto, contemplou o primeiro objetivo específico que foi aplicar metodologias que favoreçam o uso das TIC.

Na aplicação, foram usados recursos como *slides*, contendo imagens e sílabas para formação de palavras. Os alunos foram questionados em relação ao nome de cada imagem e com qual sílaba começava. Eles deveriam encontrar as sílabas iniciais que estavam embaralhadas para formar a palavra completa. Alguns tiveram dificuldades, outros conseguiram realizar a tarefa.

Aplicou-se um ditado de imagem (Figura 1, abaixo), no qual os alunos deveriam observar a figura e escrever o nome. Essa atividade objetivou praticar a consciência fonológica, pois, se ele pronunciasse a palavra, seria mais fácil distinguir os sons. Eles apenas observaram e escreveram como achavam que era. “Nesse sentido, faz-se também o uso da imagem como instrumento didático pedagógico, levando o educando a relacionar a palavra com a imagem, dando então um significado para o que se aprende” (ROCHA; DIAS, 2015, p. 15177).

Figura 1: Ditado de imagens



Fonte: Elaborado pelos autores, em outubro de 2019.

Esta atividade foi produtiva, pois os discentes testaram suas hipóteses de escrita. Foi possível registrar que dois alunos tiveram dificuldades com os dígrafos, por exemplo, na palavra “caminhão” um aluno escreveu “camião”; outro, em vez de “milho” escreveu “milio” e em vez de “dinheiro”, escreveu “dineiro”, mas foram auxiliados durante a revisão da atividade. Essas dificuldades são comuns durante os níveis silábico-alfabético e alfabético, pois ainda não possuem uma escrita ortográfica.

Outra estratégia foi trabalhar com música. Os estudantes ouviriam o áudio no celular, por meio do fone de ouvido, e, simultaneamente, acompanhavam a leitura da canção com a letra impressa, exercitando a leitura silenciosa, como pode ser notado na figura abaixo (Figura 2).

Figuras 2: Aluna acompanhando leitura da música com o celular

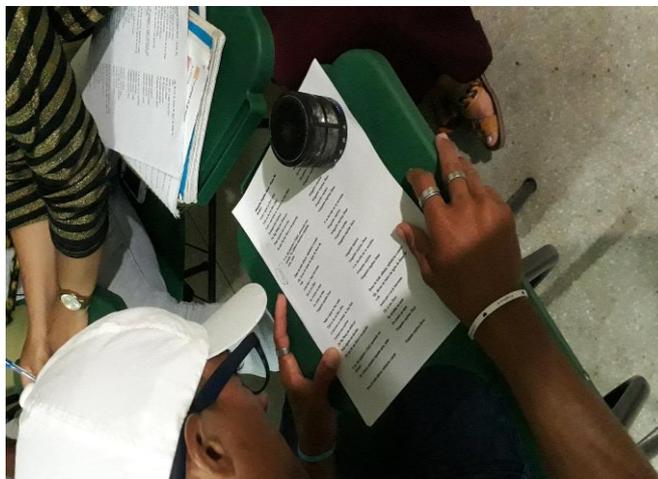


Fonte: Imagem capturada pelos autores, em outubro de 2019.

Um dos discentes não gostou da atividade, pois este ainda se encontrava em nível de escrita mais inferior. Por isso, foi acompanhado com a ajuda de P1, com uma leitura mais lenta, enquanto uma pesquisadora, autora deste artigo, auxiliava os demais. Outro aluno escolheu acompanhar a música pela caixa de som, não com o fone de ouvido. Como estava em um nível mais avançado que os outros, ele preferiu ouvir a própria música à leitura dela,

como pode ser observado na Figura 3 (abaixo). Isso evidencia a importância de um olhar clínico do professor, que deve buscar atender às necessidades do educando.

Figura 3: Aluno faz a leitura com a própria música na caixa de som



Fonte: Imagem capturada pelos autores, em outubro de 2019.

Praticou-se também o reconhecimento de *emoticons* e escrita de seus significados, dentre eles: feliz, dormindo, chorando, irritado e doente. Essa atividade nasceu durante a observação, pois o aluno A3, com 18 anos, usava o *WhatsApp* por áudio, porque não sabia escrever, conforme ilustrado na Figura 4, abaixo. Daí surgiu a ideia de usar esse recurso a favor da escrita. Os alunos adoraram a atividade e conseguiram identificar os *emoticons*, inclusive A3. Porém, A4, de 23 anos, apesar de utilizar o *WhatsApp* frequentemente, não sabia o significado das expressões.

Figura 4: Atividade com *emoticons* para escrever o significado



Fonte: Elaborado pelos autores, em outubro de 2019.

Outra metodologia empregada foi a separação silábica, utilizando os recursos de animações do *PowerPoint*⁹. Além disso, o uso do *software* educativo *Hot Potatoes*. Este

⁹Programa da Microsoft que permite criar slides com textos, imagens, músicas e animações.

software é de fácil acesso e pode ser baixado da internet e instalado no computador. Nesse sentido, Lopes e Castro (2015, p.77) asseveram que:

O uso de softwares em sala de aula conduz para um meio facilitador da aprendizagem. Ao utilizar softwares educativos dos mais diversos tipos, os alunos estarão desenvolvendo habilidades cognitivas, visuais, auditivas, intelectuais, fazendo com que ele construa um novo olhar para os conteúdos.

Ademais, oferece várias possibilidades de exercícios que o professor pode criar, como cruzadinha, atividades de lacuna e quiz¹⁰. Nesse recurso, foi trabalhada a música “Trem Bala”, de Ana Vilela, para preenchimento de lacunas na letra, e atividades no quiz sobre o uso de alguns dígrafos.

Durante a observação, a principal dificuldade encontrada na escrita dos alunos foi a falta de consciência fonológica e, conseqüentemente, uma grande dificuldade com os dígrafos: lh, nh, ss, rr, ch. Com o uso de slides, enfatizou-se a distinção de quando se deve ou não usar x/ch, s/ss, r/rr, l/lh, n/nh.

É interessante citar o caso do aluno A5, de 62 anos, que confundia H com GA. Essa confusão entre a letra H e a sílaba GA não é comum apenas com adultos, mas com crianças também, como mostrou a pesquisa¹¹ de Macedo e Campelo (2004). Na pesquisa, os autores testificam que um dos docentes que participaram do projeto disse a uma aluna de 7 anos, na sua turma de alfabetização infantil: “– Diga-me uma palavra que começa com H”. “– A galinha”, respondeu a menina.

É possível encontrar, portanto, algumas similaridades no processo de leitura e escrita entre esses dois públicos, como no caso acima. Outra semelhança também pode ser percebida na dificuldade da representação das letras.

Nesse aspecto, Ferreira (2015) tenta explicar os problemas cognitivos envolvidos na construção da representação escrita da linguagem. Dentre esses problemas, a autora cita o de reconhecer as diferentes formas de representação da letra (A,a, α, @). Isso ocorre também com os adultos, pois, durante as atividades, alguns sentiam dificuldades para distinguir o uso das

¹⁰ Jogo de perguntas e respostas sobre determinado assunto.

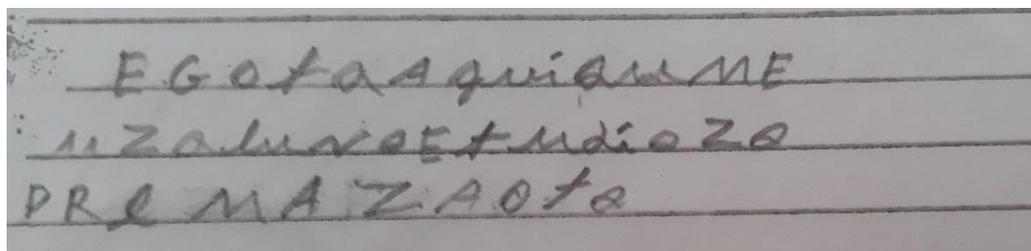
¹¹ A pesquisa mostrou um relato de uma docente: E uma das hipóteses que eu achei mais interessante foi a de uma aluna, que, para escrever a palavra GARRAFA, ela tinha usado o H para representar o GA e todas as outras vogais, ela não colocava na palavra, e quando questionada sobre a letra do início da palavra, responde: ‘Porque é um H de GA’. Assim, o nome da letra foi confundido com a sonoridade da sílaba [...] (MACEDO; CAMPELO, 2004)

letras cursivas e de imprensa. Tais dificuldades são superadas conforme o aluno passa de um nível a outro.

Sobre os níveis de escrita, a maioria dos discentes da EJA encontrava-se no nível silábico-alfabético e alfabético, apenas 4 estavam entre os níveis pré-silábico e silábico-alfabético. Ao final da proposta, no entanto, eles apresentaram uma evolução: um dos alunos passou a não mais misturar letras de imprensa e cursiva; três passaram do nível silábico para o silábico-alfabético; quatro saíram do nível silábico-alfabético para o alfabético; dois ainda permaneceram no mesmo nível, porém, eles não frequentam muito as aulas e só participaram da proposta em apenas um dia.

As imagens abaixo (Figuras 5 e 6) ilustram o avanço de um dos alunos participantes do projeto.

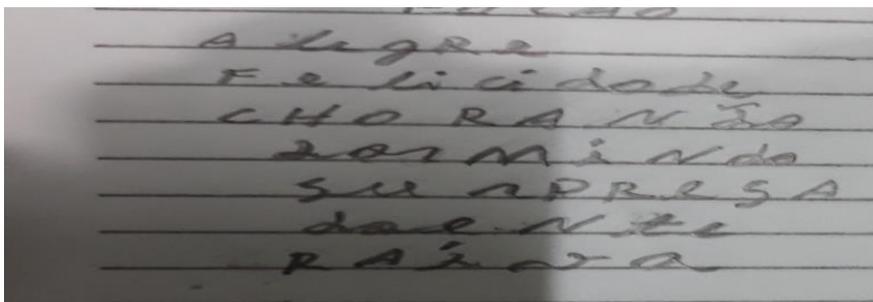
Figura 5: Escrita silábico-alfabética do Aluno A1



Fonte: Imagem capturada pelos autores, em outubro de 2019.

A figura 5 mostra a escrita do aluno A1, que se encontrava no nível silábico-alfabético. Nota-se que ora ele escreve silabicamente ora alfabeticamente. Nesse ditado de frases, realizado pelo docente P2, antes da proposta com o uso das TIC, o discente deveria escrever: “Eu gostaria que todas as crianças do mundo tivessem o que comer”; “eu sou um aluno estudioso” e “precisamos amar mais as pessoas e menos as coisas materiais”.

Percebe-se, no entanto, que na segunda frase, “eu sou um aluno estudioso”, ele escreveu assim: “u (eu) z (sou) aluno estudiozo (estudioso)”. Ao utilizar as letras “u” para representar “eu” e “z” para representar “sou”, ele empregou uma característica do nível silábico, que é usar uma letra que representa um dos sons da sílaba; ao mesmo tempo, o aluno escreveu alfabeticamente as palavras “aluno” e “estudiozo”.

Figura 6: Escrita Alfabética do Aluno A1

Fonte: Elaborado pelos autores, em outubro de 2019.

Na figura 6, registra-se a escrita do mesmo aluno durante a proposta com o uso das TIC, que trouxe a atividade para escrever o significado dos *emoticons*. É possível perceber o avanço do aluno A1, o qual saiu do nível silábico-alfabético para o alfabético, apesar de ainda ter dificuldade nas representações das letras (letra cursiva e de imprensa), o que já foi discutido anteriormente.

A partir do exposto, é possível afirmar que os recursos tecnológicos usados, como, por exemplo, *software* educativo, *emoticonse slides*, trabalhando imagem-escrita e o recurso auditivo, por meio do aparelho celular, ajudaram a otimizar o processo de alfabetização desses alunos. De acordo com o próprio sentido, otimizar significa criar condições mais favoráveis para; melhorar; aperfeiçoar e o objetivo deste trabalho foi justamente este.

Como é possível notar, a partir das imagens capturadas pelos pesquisadores e expostas neste texto, os discentes partícipes do projeto de leitura e escrita, mesmo sendo estudantes do Ensino Fundamental II, ou seja, já deveriam estar alfabetizados, porém alguns não o eram, por isso a importância de classificá-los mediante os níveis de alfabetização apresentados por Emília Ferreira.

Considerações Finais

Apesar do pouco tempo, foi possível perceber como os discentes estavam mais participativos durante as aulas. A proposta foi, em todo momento, um desafio; primeiro, por conta da falta de recursos tecnológicos na escola (não tinha nem sala de informática para os alunos); segundo, porque é difícil adentrar na sala de aula de um professor e propor outra

metodologia diferente da que utiliza. No entanto, a partir do momento em que o docente tem uma visão mais aberta para novas formas de aprender, compreende-se a importância de introduzir as tecnologias na educação.

Este artigo defende justamente essa visão mais aberta de aprendizagem, uma visão que permite alfabetizar letrando, utilizando-se dos recursos tecnológicos, uma vez que ensina como fazer uso da leitura e da escrita no contexto atual do qual elas fazem parte, de modo que esses alunos possam, não somente, tornar-se leitores, mas também produtores de textos.

Além disso, mostrou como é possível otimizar o processo de leitura e escrita dos estudantes da EJA, com o uso das tecnologias, pois os alunos avançaram nos níveis de escrita com o auxílio desses recursos. Não significa, no entanto, que o problema do analfabetismo foi solucionado, tampouco que as dificuldades de leitura e escrita que os estudantes enfrentam, mas aponta a necessidade de novas pesquisas e práticas que possam contribuir para que isso ocorra.

Espera-se que os docentes do projeto, que terminou no fim do ano letivo de 2019, passem a utilizar essas tecnologias em suas práticas pedagógicas, o que contribuirá ainda mais com o processo de leitura e de escrita desses alunos. Além disso, que os professores da EJA possam repensar seus perfis, enquanto professores desta modalidade de ensino que é a educação de jovens e adultos, e repensar o uso das tecnologias da informação e comunicação como recursos que potencializam o processo de aprendizagem, porque são facilitadoras e atrativas, além de permitir a inclusão do sujeito ao contexto (digital) contemporâneo.

Referências

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 11 Abr. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125)

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua 2017**: número de jovens que não estudam nem trabalham ou se qualificam cresce 5,9% em um ano. 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yagune6o>> Acesso em: 11 Abr. 2020.

FERNANDES, Clarice Albertina; REAL, Luciane Magalhães Corte. **Alfabetização e jogos on-line**: um estudo de caso. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias (CIET). Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (ENPED), 2018, [São Carlos, SP]. Anais. [São Carlos, SP]: UFSCar, 2018. Disponível:<<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/543/70>> Acesso em: 11 Maio 2020

FERREIRO, Emilia *et al.* **Los adultos no-alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura**. In: *Cadernos Investigaciones Educativas*, n. 10, México, D.F., abril de 1983.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimpressão 2007. 304 p.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 21.ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. V. 4 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

HENDEL, Geisa do Nascimento *et al.* **Letramento digital**: o uso do tablet como recurso móvel facilitador da alfabetização e do letramento. In: IV Colóquio Luso-Brasileiro de Educação, 2018, Braga e Paredes de Coura, Portugal. Anais. Disponível em:< <http://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/viewFile/10589/8266>> Acesso em: 22 Abr. 2020.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos de leitura**. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

LIMA, Emerson dos Santos. **Educação a Distância no Instituto Federal de Sergipe: um estudo de caso a partir de reflexões dos alunos concluintes do Curso Técnico em Administração**. Dissertação de Mestrado, Unit, 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y96hv2j7>> Acesso em: 25 Abr. 2020.

LOPES, Raabe Corado; CASTRO, Darlene Teixeira. **A importância das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem**. Humanidades e Inovação. Palmas, ano 2, n. 2, ago./dez. 2015, (p.75-82). Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/67/99>> Acesso em: 16 Maio 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Eliza Dalmazo Afonso Marli de. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013. p. 12-28.

MACEDO, Alessandra Aspasia Dantas de; CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. **Psicogênese da língua escrita: As contribuições de Emília Ferreiro à alfabetização de pessoas jovens e adultas**. In: 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu. Anais... Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt18/t181.pdf>> Acesso em: 10 Maio 2020.

MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares de; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. **A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade**. In: Seminário de Iniciação Científica, 5., 2016, Montes Claros. Anais... Montes Claros: IFNMG, 2016. p. 1-3. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7c38v4q>> Acesso em: 10 Set. 2018.

ROCHA, Adriana Camila Machado; DIAS, Flávia Brito. **Paulo Freire e a alfabetização: lançando olhares sobre os levantamentos de uma pesquisa tipo estado da arte**. In: XII Congresso Nacional de Educação- EDUCERE, 2015, Paraná. Anais... Paraná: PUCPR, 2015. p.15173-15186. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19688_9500.pdf> Acesso em: 27 Abr. 2020.

SENA, Milene de Macedo; SOUZA, Rodrigo Matos de. **Educação de jovens e adultos:** espaço de (re)construção de identidades. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, [s/l] Vol. 1, n.1, p. 119-139, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovense_adultos/article/view/247> Acesso em: 17 Abr. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento:** caminhos e descaminhos. Pátio – Revista Pedagógica. [S/l]: Artmed Editora. Ano VIII, n.29, p. 96-100, 2004. Disponível em:< <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf> > Acesso em 23 Abr. 2020.

TRINDADE, Ana Paula dos Santos; NUNES, Wallace Vallory. **Tecnologias na educação de jovens e adultos:** relatos de práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:<<https://unig.br/wp-content/uploads/2018/06/TECNOLOGIAS-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-DE-JOVENS-E-ADULTOS-RELATOS-DE-PR%C3%81TICAS-PEDAG%C3%93GICAS.pdf>> Acesso em 21 Abr. 2020.